

RESENHA

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 283p.

Elenice Esteves de OLIVEIRA¹

Marília Gomes Ghizzi GODOY²

¹ Doutoranda em Educação (UMESP), Mestre em Educação, Administração e Comunicação (UNIMARCO); professora e coordenadora do Programa de Monitoria do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo; professora e coordenadora da CPA da Faculdade Estácio de Santo André. elenicesteves@gmail.com

² Doutora em Psicologia Social (PUC-SP); Mestre em Antropologia Social (USP). Membro do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) – USP. Professora do mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA). mgggodoy@yahoo.com.br

Recebido em: 30/05/2014 - Aprovado em: 25/09/2014 - Disponibilizado em: 15/12/2014

Nessa obra, Nestor Canclini, diretor do Programa de Estudos sobre a Cultura Urbana do Departamento de Antropologia da Universidade Autônoma Metropolitana, no México, desenvolveu de forma interdisciplinar o conceito de mapas de interculturalidade, a partir de uma investigação antropológica, sociológica e dos estudos de comunicação. O alvo que o autor propõe é contribuir para diminuir as desigualdades, conectar os excluídos, mobilizar recursos alternativos para sujeitos em situações de cidadania.

O livro está estruturado em duas partes. A primeira é intitulada Mapas, e está composta de cinco capítulos. Canclini explica a definição de cultura, examina sob que condições se administram as diferenças, as

desigualdades, a inclusão-exclusão e os dispositivos de articulação em processos interculturais. Na segunda, denominada Perspectivas, também com 5 capítulos, apresentam-se os modelos latino-americanos de integração-desintegração, as culturas juvenis, as sociedades do conhecimento, e o cinema através de mercados em que são desglobalizados diversos materiais simbólicos.

Com a afirmação de que a interculturalidade é o objeto de estudo mais revelador e questionador das pseudo certezas etnocêntricas ou disciplinares, a cultura é um instrumento de remodelar os fluxos da globalização e as dinâmicas locais. Descartam-se os conceitos essencialistas, as representações elitizadas e eruditas, o

progresso tecnológico como política partidária, os teatros inverossímeis e as concorrências canibais. Sobretudo, é preciso desconstruir o sentido de indivíduo como uma entidade isolada, construção vazia da pós-modernidade, dos modelos falidos do neoliberalismo.

Pergunta-se na obra como converter em fortaleza o desencontro entre afirmação da diferença e impugnações à desigualdade? Como ser cidadãos interculturais?

O capítulo 1 denominado: A cultura extraviada nas suas definições, reúne saberes, contribuições de várias disciplinas para chegar a definição de cultura; “o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (p. 41).

Nessa direção, resume-se quatro sentidos que a cultura adquire dentro da sociedade. 1) Cultura como a instância em que cada grupo organiza sua identidade, 2) Cultura como uma instância simbólica da produção e reprodução da sociedade, 3) Cultura como uma instância da conformação do consenso e da hegemonia, 4) Cultura como dramatização dos conflitos sociais. Permite-se compreender o que é cultura seguindo os simbolismos criados socialmente.

O capítulo 2: Diferentes, desiguais e desconectados refere-se às temáticas de formação e exploração dos processos interculturais. Considera criticamente o caráter absoluto das autoafirmações étnicas, as visões relativistas e de construção isolada das realidades contidas nos estudos dos significados e dos sistemas simbólicos (C. Geertz e P. Bourdieu). Eles carecem da visão de disputas reais de unidades diferenciais, dinâmicas.

O capítulo 3: Sobre como Clifford Geertz e Pierre Bourdieu chegaram ao exílio, aprofunda-se a visão teórica desses autores que ao ver de Canclini não enfrentam os desafios à autorreflexão, à produção e circulação dos bens simbólicos, e outros processos que transcendem as sociedades nacionais.

O capítulo 4: A globalização da antropologia depois do pós-modernismo permite visualizar que a legitimação do saber depende dos “lugares” onde o observador consegue entender as dinâmicas discretas entre os fenômenos de alteridades e de marcas de pertencimentos dos mundos vivenciados pelos sujeitos (individuais e coletivos) e eles mesmos como pesquisadores.

O capítulo 5: Norte e Sul nos estudos culturais registram-se fenômenos de hegemonia econômica, cultural que atravessam os *latin-american cultural studies*

e dos estudos culturais latinos. Projetam-se ideias sobre o cosmopolitismo global, a perda de sentido dos projetos nacionais diante da acumulação desigual da propriedade cultural.

A partir do capítulo 6 (até o 10º) abre-se a segunda parte do livro designada Perspectivas.

Os capítulos encaminham-se para uma nova visão da pós-modernidade onde os estudos culturais, sócio-antropológicos e comunicacionais sobre a cultura reconstróem a visão da diferença e da desigualdade. O espaço “inter” como centro da investigação e da reflexão permite entender uma nova visão da alteridade e suas expressões de domínio-submissão. Descartando-se paradigmas universalmente aceitos compreende-se a existência múltipla das identidades apoiadas em subjetividades alternativas.

Denominações dos capítulos:

6 – Modelos latino-americanos de integração e desintegração.

7 – Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados, e pós-construtivismo.

8 – Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis.

9 – Sociedades do conhecimento: a construção intercultural do saber.

10 – Mercados que desglobalizam: o cinema latino-americano como minoria.

É relevante a questão dos sujeitos interculturais no desenvolvimento da

filosofia, linguística, antropologia e psicanálise. A fragmentação, a desigualdade dos processos sociais, a emergência da sociedade da informação e do conhecimento são sempre propostos diante dos desenvolvimentos dos novos signos da pós-modernidade. A importância política impõe-se na coexistência das sociedades e nos diálogos da cidadania globalizada.

“Em síntese quero examinar sob que condições se administram as diferenças, as desigualdades, a inclusão-exclusão e os dispositivos de exploração em processos interculturais” (p.53).

Assim a obra aborda de modo contundente os desafios da cidadania no contexto de uma sociedade intercultural. Vale ressaltar que o autor inclui em suas reflexões as diferenças e a preocupante desarticulação dos excluídos sob o contexto latino-americano. No decorrer da obra, as instituições que assegurariam a cidadania são questionadas em suas atuações. Assim, considera os órgãos de proteção dos direitos de trabalhadores, os centros de pesquisa e desenvolvimento e os cinemas entre outros. Trata-se de uma obra com um peculiar olhar interdisciplinar sobre o discurso de igualdade em um mundo que na sua essência é pleno de contradições e diferenças.